

Videoaula no ensino coletivo de instrumentos musicais: um relato de experiência

Juliana Rocha de Faria Silva¹

¹Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília (IFB)

70.860-100 – Brasília – DF – Brazil

juliana.silva@ifb.edu.br

***Abstract.** This article describes an experience report in Music Education Computer-aided. The tool is the video that contains step by step to learning a musical instrument in a song. The story tells how the proposal was held pedagogical and musical education was aimed collective musical instrument in a group with high school students. From experience we emphasize aspects of the peer pedagogy, in which the student is replaced by the role of the teacher and goes in search of its autonomy in learning and also of methodological approaches to the music educator who works in the school context.*

***Resumo.** Este artigo descreve um relato de experiência na Educação Musical auxiliada por computador. A ferramenta é o vídeo que contém o passo a passo para o aprendizado de um instrumento musical em uma música. O relato conta como foi realizada a proposta pedagógico-musical cujo objetivo foi o ensino coletivo de instrumento musical em grupo com alunos do Ensino Médio. Da experiência são ressaltados aspectos da pedagogia de parceria, na qual o aluno passa a ter o papel do professor, vai em busca da sua autonomia no aprendizado, e também dos caminhos metodológicos para o educador musical que atua no contexto escolar.*

1. Introdução

O ensino e aprendizagem da Música é um desafio para os professores que atuam na educação básica. Ensinar música musicalmente, como é proposto pelo educador musical Keith Swanwick (2003), é algo que requer do professor, seja ele músico ou não, reconhecer a música integrada ao contexto social e cultural em que a sua teoria e a prática devem responsabilizar-se por essa contextualização da música e do fazer musical. A atualidade pressupõe o avanço tecnológico com as mudanças sociais, culturais, educacionais, econômicas, políticas e as relações entre seres vivos e computadores (SANTAELLA, 2003). Em se tratando dos contextos educacionais, há a necessidade de integrá-los às mídias atuais que abrem espaço a novas possibilidades pedagógicas. Para isso, tornar a aprendizagem e a atuação dos alunos mais interessantes em contextos educacionais, deve-se favorecer um trabalho baseado nas ideias que eles desenvolvem no e com o uso dos recursos tecnológicos (MARTINS, 2003).

Este artigo é um relato de experiência de aulas de Música no Ensino Médio em uma instituição de ensino técnico e tecnológico. Esse relato baseou-se em um plano de

ensino que tem como objetivo principal compreender as características musicais e extramusicais dos estilos/gêneros de músicas preferenciais dos alunos. O plano de curso de Música foi desenvolvido e elaborado com base nas reflexões trazidas pelos resultados de um projeto de iniciação científica finalizado em agosto de 2013. A ementa desse plano é conhecer a história de grupos musicais, bandas e cantores e compreender o contexto de produção, disseminação e recepção dos estilos/gêneros musicais. Além disso, vivenciar os elementos da música presentes nos estilos/gêneros musicais por meio da apreciação e *performance* musicais.

2. Referencial teórico

Neste trabalho, tecnologia é entendida como metodologias, competências, capacidades e conhecimentos necessários para realizar tarefas produtivas e não inclui apenas os produtos artificiais fabricados pela humanidade. Além disso, envolve a interação de diferentes agentes e processos sociais pertencendo e atuando em um meio o qual sofre influências e é modificado (VERASZTO et al, 2008).

A proposta para as aulas de Música é sustentada por dois tripés: da aprendizagem musical informal e da pedagogia de parceria (*peer pedagogy*). Para compreender melhor e diferenciar as práticas de aprendizagens informais e o ensino de música formal, a tabela 1 destaca cinco características de aprendizagem que fazem parte do cotidiano dos músicos populares que também são percebidas nos alunos do Ensino Médio, traçando um paralelo que os distinguem daquelas práticas que são encontradas na educação musical formal que são exercidas nos contextos escolares:

Tabela 1. Quadro comparativo das práticas informais e ensino formal de música

Práticas informais de aprendizagem musical de músicos populares	Os processos de aprendizagem da Educação Musical formal
Aprender a música que é escolhida de acordo com a preferência pessoal, que é familiar e com a qual apreciam e se identificam fortemente;	Introduzir o aluno em músicas que frequentemente são novas e desconhecidas e normalmente escolhidas pelo professor;
Aprender ouvindo gravações e copiando as músicas de ouvido;	Aprender por meio de notação musical ou de outros comandos escritos ou verbais;
Aprender ao lado de amigos por meio de conversas sobre música; estímulo dos pares/ colegas; ouvindo, assistindo ou imitando o outro e geralmente sem a supervisão de um adulto;	Aprender por meio da instrução de um especialista ou a supervisão de um adulto;
Assimilar habilidades e competências pessoais muitas vezes de maneira casual ou de acordo com as preferências musicais começando com peças de músicas de todo o “mundo real”;	Aprender a sequência de uma progressão de processos do mais simples ao mais complexo, envolvendo especialmente a execução de músicas de outros compositores, um currículo ou um programa gradual (de níveis iniciais, intermediários e avançados);
Manter uma estreita integração entre ouvir, tocar, improvisar e compor em todo o seu processo de aprendizagem.	Especializar gradualmente nas habilidades de ouvir, tocar, improvisar e compor; muitas vezes tendendo a enfatizar a reprodução mais que as habilidades criativas.

Fonte: GREEN; WALMSLEY, 2006 (tradução nossa).

As mudanças trazidas pelas tecnologias na escola geraram transformações no processo de ensino e aprendizagem na educação formal. Introduzir novas tecnologias na

escola não melhora o aprendizado automaticamente, porque a tecnologia dá suporte à pedagogia e não o contrário. A tecnologia modifica os papéis de professores e alunos e não dá apenas suporte às aulas expositivas. Os alunos começam a ensinar a si mesmos com a orientação dos professores. Antes, porém, se limitavam apenas a ouvir e fazer anotações. O papel do aluno passa a ser de pesquisador, de usuário especializado em tecnologia. O professor passa a ter papel de guia e de treinador. Ele estabelece metas para os alunos e os questiona, garantindo o rigor e a qualidade da produção da classe e abre mão do papel de controlador para assumir o de guia dos alunos. Isso é o que pode-se chamar de pedagogia de parceria (PRENSKY, 2001; 2008).

3. Material e Métodos

Neste artigo relata-se a experiência do ensino e aprendizagem de instrumentos musicais por meio de vídeos. A escolha do repertório se deu pela divisão dos grupos de alunos e dos seus interesses na pesquisa de algum estilo/gênero musical. O repertório também teve como ponto de partida a análise das práticas musicais informais percebidas nas primeiras aulas por meio do diálogo e da observação. Como havia muitos alunos que não tinham qualquer contato com um instrumento musical, buscou-se vídeos com versões simplificadas dos arranjos das músicas. Foram então escolhidas as videoaulas das seguintes músicas: 1) *Beat it*, Michael Jackson, aula de bateria; 2) *Twist and shout*, Phil Medley e Bert Russell, versão do Beatles aula de teclado; e 3) *Te esperando*, Luan Santana, aula de violão.

Todos os vídeos foram escolhidos da página de videoaulas do Cifra Club por apresentarem *riffs* fáceis de executar por alguém que ainda não experimentou tocar um instrumento. Uma canção é construída com múltiplos *riffs* curtos muitos dos quais são fáceis de lembrar e tocar dependendo em qual instrumento é tocado (GREEN, 2008). A metodologia utilizada contemplou três aspectos: i) visualização da videoaula a partir de um projetor multimídia; ii) execução nos instrumentos musicais desde a primeira vez, mas na segunda, o vídeo era parado e reprisado quantas vezes fossem necessárias; iii) interferência do professor depois que os alunos tivessem a primeira experiência de tocar o *riff*. Nenhum dos vídeos apresenta ao aluno a partitura com os símbolos notacionais tradicionais, o método é baseado no ouvir e na visualização da *performance* do professor. Em todas as músicas, a complexidade da escrita dos ritmos seria um fator limitante para o aprendizado das músicas se partisse da leitura da notação convencional.

4. Resultados

Deste relato foi possível perceber a aprendizagem que ocorre com os pares. Muitos alunos possuem conhecimentos em música provenientes das práticas informais de aprendizagem que têm origem na enculturação musical, ou seja, aprendem em casa com algum parente ou amigo. Em geral, esse aprendizado é através do ouvido, da visão e da imitação (GREEN, 2001). Elegem como modelo o aluno “tocador” que se dispõe a demonstrar como executar, corrige erros e sugere caminhos para a execução do instrumento musical. Esse aluno geralmente é autodidata que aprende sozinho ou com o auxílio de materiais disponíveis, principalmente, na Internet. A aprendizagem por meio de vídeos do *YouTube* é um fenômeno que cresce e ganha popularidade entre os adolescentes e jovens do Ensino Médio. Ressalta-se também o encorajamento oferecido por aqueles que relatam suas tentativas, com erros e acertos, de aprendizagem do

instrumento musical dentro ou fora da aula. Os alunos veem no depoimento do outro aquilo que podem realizar e se sentem capazes para experimentar.

O que foi observado a cada aula foi o desenvolvimento dos alunos nas suas *performances* musicais. A cada semana, mesmo não tendo o instrumento musical, nota-se o rapidez da memorização dos acordes, das posições no teclado e no violão e do desenvolvimento da coordenação motora. Alunos comentaram que procuravam os alunos que já tocavam há mais tempo para lhes ensinar a música trabalhada na sala de aula. Além disso, outros alunos levaram para casa, os vídeos gravados em seu *pendrive* ou no celular no intuito de “tirarem” a música.

Discussão e contribuições

Dois aspectos podem ser discutidos a partir deste relato: i) os papéis do aluno e do professor nesta era da informação gerada pela Internet; e ii) a formação inicial e continuada do professor de música. No primeiro aspecto destaca-se a inversão de papéis, o professor que antes era o detentor de todo o conhecimento, torna-se aquele que gerencia o ensino e aprendizagem podendo em algum momento atuar como o mestre e em outro, como aprendiz. Uma das grandes preocupações geradas pela inversão dos papéis é o medo do professor em perder a autoridade na sala de aula. Alguns desses questionamentos são discutidos por Prensky (2011) ao abordar o ensino na era das tecnologias. Saber quando é a hora de “dar a voz” ao aluno e retomá-la.

O segundo aspecto que este relato contribui é na reflexão da formação do professor de música. Esse professor precisa tocar todos os instrumentos musicais? Será que os recursos tecnológicos podem ser suficientes para suprir as lacunas da sua formação musical? Alguns questionamentos são mais amplos e requerem outras pesquisas, no entanto, o que se pode afirmar a partir da experiência deste relato, é que por meio de videoaulas da Internet é possível planejar aulas para o aprendizado coletivo de instrumento musical mesmo o professor não tendo o domínio de todos os instrumentos.

Referências

- GREEN, Lucy, and WALMSLEY, Abigail (2006) “Classroom Resources for Informal Music Learning at Key Stage 3”. www.musicalfutures.org/PractionersResources.html.
- GREEN, Lucy (2001) “How popular musicians learn”. England, Aschgate.
- PRENSKY, M. (2008) “The role of technology in teaching and the classroom”. In: Educational Technology, v. 48, n. 1. www.marcprensky.com/writing/Prensky-The_Role_of_Technology-ET-11-12-08.pdf
- _____ (2001) “Digital Natives, Digital Immigrants part 1”. In: On the Horizon. NCB University Press, n. 5, v. 9, p. 1-6.
- SANTAELLA, Lucia (2003) “Culturas e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura. São Paulo, Paulus.
- SWANWICK, Keith. (2003) “Ensinando Música Musicalmente”. Tradução de Alda Oliveira e Cristina Tourinho. São Paulo: Moderna.
- VERASZTO, E. et al. (2008) “Tecnologia: buscando uma definição para o conceito”. Revista Prisma.com. Ed. n. 7, p. 60-85.